



Preciso de tudo o que tenho ou tenho tudo do que preciso?

Para que o saber e a individualidade de cada ser humano seja respeitada, fazer educação ambiental, considerando sua urgência, parece ser um desafio a ser implementado. E nessa urgência, dá-se conta de que parece ser exagerado, mas é uma questão que se contradiz. Afinal o tempo urge, passa depressa e cada ato errôneo cometido por cada habitante desta nave Terra resulta em algo danoso para todos, afinal é recente a concepção de que todos somos parte dessa Mãe Terra, interdependentes entre todos os elementos que a mesma oferece, finitos ou não. E compreender que a natureza se efetiva de uma forma sincrônica, perfeita e que nossa interferência prejudica o andar dessa sinfonia, ainda é para poucos. A alfabetização ecológica está longe de ser um ícone a ser perseguido por todos e quando 'alguns' a reconhecem e sabem onde irá ferir, danificar, extirpar, mas mesmo assim, pela questão político-econômica a provocam, sabendo de antemão as dramáticas consequências, mas mesmo assim interferem, sem se importar ou com interesse realmente de prejudicar e, oxalá, se apropriar.

Tem-se um exemplo que é claro e evidente, onde a máquina funciona para o enriquecimento da nação: Trump, presidente

dos Estados Unidos não aceita e diz não concordar com o que muitos cientistas há tempos estão a provar: o aquecimento global que se intensifica a cada instante; as geleiras a descongelar; a temperatura a variar aos extremos.

Leff (2006) diz que o saber ambiental problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, para constituir um campo de conhecimentos teóricos e práticos, orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza. O saber ambiental vai além das ciências ambientais, abrindo-se para um lugar em que discutem valores éticos, conhecimentos práticos e saberes tradicionais.

Portanto, a percepção de que a economia se move no campo da imprevisibilidade, tendo uma raiz subjetiva, depende de milhões de decisões complexas que se formam na mente das pessoas. Por esta informação, pode-se perceber que mais do que compreender o que é racionalidade econômica, importa entender, como se trabalha a informação, como se gera o risco e a incerteza, quais as premissas do processo de decisão individual na economia. A complexidade se remete à economia sustentável, na qual o conceito de racionalidade econômica vai além da compreensão de desenvolvimento, passando à necessidade da compreensão da sustentabilidade. Essa crise de entendimento do senti-

do do desenvolvimento só pode, segundo Amartya Sen (2000), ser vista como a expansão da liberdade, que elimina tudo o que limita as escolhas e as oportunidades das pessoas. Diz que o crescimento econômico pode ser muito importante como um meio de expandir a liberdade desfrutada pelos membros de uma sociedade.

A racionalidade econômica passa pelo questionamento do desejo da riqueza. Sen (2000) questiona em sua obra "Desenvolvimento Como Liberdade", se existem razões para que as pessoas desejem mais riquezas e quais são essas razões de que dependem, como funcionam e o que será feito com mais riquezas. Acrescenta que os homens são excelentes argumentadores de razões para desejar querer aumentar riquezas e bens, um tipo de vida em que há razões para valorizar a abundância e a fartura. A grande utilidade da riqueza está nas coisas que pode dar ou permitir fazer. O desenvolvimento deve estar relacionado com essas razões e deve trazer qualidade de vida às pessoas, oferecendo-lhes mais liberdade e desfrute. Esse entendimento proporciona ao cidadão a capacidade de racionalizar a economia, construindo conceitos de desenvolvimento que respeitem razões primeiras.